

02

Minha vida de menina

Helena Morley



L&C
ENTRE
ASPAS



AUTOR – HELENA MORLEY (ALICE DAYRELL CALDEIRA BRANT)



Helena Morley é o pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, nascida em 28 de agosto 1880, em Diamantina - Minas Gerais, e morta em 1970, no Rio de Janeiro. Filha de pai inglês e de mãe mineira, criou-se em uma família tradicional e religiosa (católica). Formou-se na tradicional Escola Normal da cidade e casou-se com Augusto Mario Caldeira Brant no ano de 1900, com quem teve seis filhos.

Alice Dayrell acompanhou seu marido durante o exílio político na Europa e na Argentina. Em função disso, deixou também grande número de correspondências que trocava com seus familiares e com as pessoas mais próximas.

O romance *Minha vida de menina* tem uma importância significativa no que diz respeito ao seu conteúdo, pois este apresenta o cotidiano de uma adolescente no Brasil no final do século XIX.

A obra já foi traduzida para o francês e para o inglês. A tradução para o inglês foi feita, inclusive, pela poeta norte americana Elisabeth Bishop, enquanto a tradução francesa foi feita por Marlyse Meyer.

Além disso, o livro serviu de roteiro para o filme "Vida de menina", de Helena Solberg, premiado no 32º Festival de Gramado no ano de 2004. O filme recebeu seis *Kikitos* (nome dado ao troféu) nas seguintes categorias: ficção, trilha sonora, roteiro, fotografia, direção de arte e júri popular.

Cronologia



- **1880** – Nasceu Alice Dayrell Caldeira Brant;
- **1893 e 1895** – dos seus 13 aos 15 anos escreveu um diário;
- **1900** – Casou-se com Augusto Mário Caldeira Brant;
- **1942** – Sob o pseudônimo de "Helena Morley", seu livro foi publicado com o título de "Minha Vida de Menina";
- **1956** – A poeta Elizabeth Bishop realizou a tradução e a introdução da primeira edição do livro em setembro de 1956, em Petrópolis.
- **1970** – Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de junho.
- **1997** – "Duas Meninas", livro de ensaios do crítico Roberto Schwarz, chega às livrarias no dia 12 de junho;
- **2004** – O diário de Helena Morley ganhou uma adaptação cinematográfica. Dirigido por Helena Solberg.

Contexto

“*Minha vida de menina*’ é uma espécie de história natural do Brasil.”

Gilberto Freyre



História da vida privada que conta o cotidiano da sociedade brasileira de província nos primórdios da República. Este contexto revela um momento histórico em que a escravidão acabava de ser abolida, circunstância que também revela uma lógica do trabalhador livre ainda não incluso nos procedimentos salariais, mesmo que alienantes.

Muito mais do que um diário de garota de província do século XIX, a obra *Minha vida de menina* remonta histórias do cotidiano que descrevem um retrato do cotidiano de Diamantina entre 1893 e 1895.

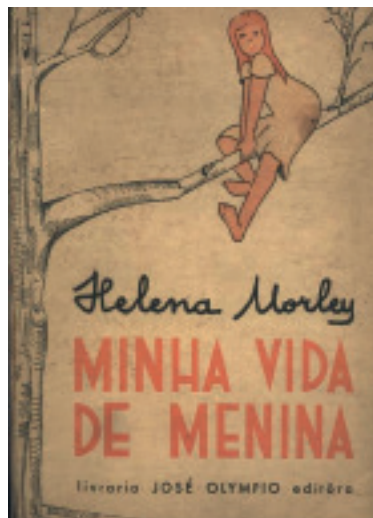
É curioso perceber algo que marca o comportamento das pessoas da época sobre a ótica desta menina-moça que, na obra, se surpreendia com o lado brasileiro da família a encarar com normalidade o fato de os escravos livres continuarem agregados à casa de sua avó mesmo após à abolição da escravatura.

A cidade de Diamantina, que se situa ao norte de Belo Horizonte, teve seu momento áureo como região produtora de diamante no século XVIII. Já no contexto da produção da obra aqui analisada, a cidade via escassear os diamantes e, logo, o estabelecimento de uma nova relação entre as classes sociais.

APRESENTAÇÃO

O Diário de uma adolescente

“*Obra-prima digna de qualquer literatura.*”
Carlos Drummond de Andrade

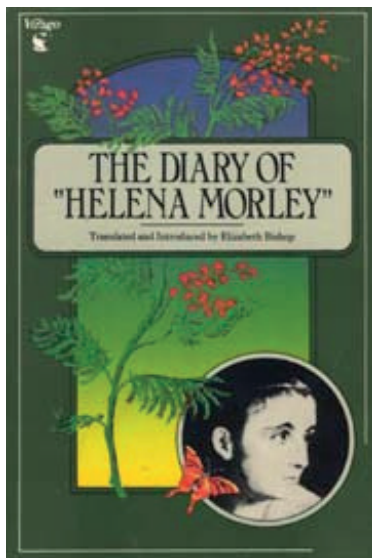


O livro “*Minha vida de menina*” possui uma ideia interessante que remonta à infância da escritora, por meio dos escritos de um diário adolescente. Nesta época, Alice foi aconselhada pelo pai a escrever diariamente, em um caderno, seus afazeres do dia a dia passado na família e na escola. De maneira muito perspicaz e inteligente, Alice acrescentava comentários sobre suas vivências cotidianas.

Os motivos

A obra *Minha vida de menina* teria sido composta de várias passagens do diário de Alice escrito entre os anos de 1893 e 1895, quando a autora possuía algo entre 13 a 15 anos. Muito tempo depois, esquecidos numa gaveta, este diário e todos os seus escritos foram selecionados e reunidos para virem a público no ano de 1942. O motivo citado pela autora girava em torno da indicação de mostrar para as meninas contemporâneas ao ato da publicação como era a vida no ínterim da produção do diário, como explica a autora: “às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época”.

Tradução



O livro “Minha vida de menina” foi traduzido para diversos idiomas, como o inglês, o italiano e o francês. Elizabeth Bishop realizou sua tradução para o inglês quando desembarcou em terras brasileiras no final de 1951, concluindo o trabalho em setembro de 1956, em Petrópolis. Apesar de não estar inserida na tradição como tradutora da língua portuguesa, (trabalho que só viria a realizar com mais dedicação nos anos de 1970), Bishop traduziu nomes como João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes, etc.

Estilo de escrita

▪ Mistérios da linguagem literária

É óbvio que a veracidade destes relatos giram em torno de uma investigação interessante no que diz respeito a relação do texto com a biografia da autora. O que em Literatura é sempre matéria de muita curiosidade e, muitas vezes, canoniza mistérios interessantíssimos sobre a relação de autor e obra.

É possível sim que surja a dúvida quanto a autenticidade dos manuscritos e não é de todo impossível que o diário tenha recebido algum trato literário a revelia da escrita de uma adolescente, porém esta possível disparidade estilística ou estética poderia ser resolvida caso houvesse uma revelação pública destes manuscritos.

▪ Linguagem do diário

A linguagem adotada é de uma menina, em torno dos seus quinze anos, que impulsionada por seu pai, escreve seu diário recheado de calor humano e bom humor. Um linguajar franco e direto que – ao mesmo tempo – não perde o sabor das revelações oriundas desta ótica em primeira pessoa. Em 1942, sob o pseudônimo de “Helena Morley”, seu livro foi publicado com o título de *Minha vida de menina*. Por seu valor literário e histórico, o livro teve grande destaque no Brasil do século XX. A obra traz um retrato das contradições sociais, das festas religiosas e as várias faces do racismo, marcando um relevante retrato artístico do Brasil de sua época.

▪ Coloquial – A adolescente e seu olhar para o mundo

A prosa coloquial e próxima do cotidiano concreto da autora possui o tom da franqueza, ligado às coisas práticas, aos prazeres sensíveis e percepções diretas. A escrita ocorre em uma relação de fidelidade com a realidade, na qual os acontecimentos, bem como a ausência deles, eram uma espécie de incômodo para a realização linguística, como se observa no trecho que se segue:

“Eu estava com a pena na mão pensando o que havia de escrever, pois há dias não acontece nada”.

Outro momento revelador dos mecanismos de escrita da autora surge na surpresa e hesitação diante de algo que quebra o ritmo do cotidiano, como é o caso de um enterro que passa em frente à porta de sua casa, e que, obviamente, será um tempero necessário para o exercício de seu texto:

“Fiquei contente porque achei um assunto”.

▪ Digressões – A lógica das lembranças no diário de Helena

O diário de Helena não apenas registrava os fatos no íterim de seus acontecimentos, mas também lembranças. A este fenômeno linguístico damos o nome de digressões, situação em que se rompe o fluxo cronológico da narrativa

para criar aspas no tempo, sobretudo o passado, como a lembrança do ano da fome, quando Helena era muito menina.

▪ **Narrador e a experiência pessoal**

Geralmente, as memórias são escritas com a intenção de captar momentos da vida que merecem ser registrados. Nem sempre tais momentos são os mais importantes para outras pessoas. Não importa: a experiência que se tem deles deve ser importante para quem os registra.

As memórias e os diários aproximam-se da autobiografia na medida em que as experiências relatadas são entremeadas de dados biográficos.

Memórias são, portanto, uma espécie de “lembrança viva” de experiências.

É pela lembrança dos fatos (e pelo registro que se tem deles) que entramos em contato com outro ser humano. É por meio desse contato que descobrimos o quanto de nós há nos outros, e vice-versa.

Espaço



A história se desenrola na cidade de Diamantina (Minas Gerais) em franca decadência entre os anos de 1893 e 1895. O passado de glórias e o presente de desgastado são determinantes na imaginação da personagem que passa de menina a moça. É interessante que, como muitos de sua cidade, Helena também almeja um dia encontrar seu “diamante redentor”.

Personagens

Helena



Personagem principal da obra e narradora de suas memórias, Helena revela, por meio de seu diário, um universo social que não se restringe apenas à família e aos parentes. Ela compõe um *tableau* reflexivo de toda a sociedade de seu tempo, que inclui a convivência com pobres, ricos, escravos, crianças e bichos. Tudo o que cerca a menina deve ter finalidade prática ou, no mínimo, proporcionar prazer. Seu apelido era “Tempestade”.

Helena sabe que é vista por alguns adultos, especialmente os que não gostam de seu jeito, como uma menina atrevida, impaciente, rebelde e incapaz de obedecer. Possui uma inteligência inquieta e uma personalidade agitada, além de não entender a mania de sossego que os outros têm:

“Eu acho engraçado na nossa família a mania de sossego que todos têm. Meu pai, vovó e todos só pedem a Deus sossego.”

Pai

O pai é uma figura importante, pois é quem encoraja Helena a escrever diariamente. Segundo ela, o pai tinha razão, pois o que lhe acontecia tinha mesmo que ficar registrado no papel. Ao final da história, o homem arranja um bom emprego na *Companhia Boa Vista* e a vida melhora após ele conseguir saldar dívidas com uma herança deixada por sua mãe.

Mãe

A mãe de Helena se chamava Carolina e era considerada mal criada pela avó da menina.

Luisinha

Irmã de Helena, mais caseira do que ela.

Teodora (Avó)



Dona Teodora é considerada a melhor pessoa do mundo para Helena, pelo fato da narradora ser a netinha preferida da avó. Os primos e tios não gostam muito disso, o que incomoda a menina. No final da história, Dona Teodora morre e deixa uma herança para o pai de Helena. Segundo a menina, a bondade da avó é responsável pela mudança positiva da vida da família.

Renato

É o tímido irmão de Helena.

Tio Conrado e tia Aurélia

São os parentes de posses, cheios de regras. Há uma compensação nas festas ou passeios que eles promovem: a abundância de coisas gostosas. No mais, há tanto patrulhamento que as diversões são as mais sem graça. As proibições são gerais: nada de subir em árvores, andar pelo rio, catar gabioba. Os filhos de tia Aurélia, apesar de ricos, vivem sempre presos a suas regras.

Tia Agostinha

Dos tios da família da mãe, apenas tia Agostinha (além da avó) gosta de Helena.

Tio Geraldo

Enriquece após romper sociedade com o pai de Helena.

Tio Conrado

Na casa do Tio Conrado era onde aconteciam as festas de São João e as brincadeiras juninas eram severamente vigiadas por todos.

Tia Madge

Esta tia é a representante da tradicional família inglesa. Vivia a ensinar boas maneiras à Helena. Apesar de sua formalidade e das aulas de etiqueta, Helena gosta dela, mas não reconhece sentido prático em seus ensinamentos. Segundo a observação pragmática da menina e lógica das coisas, seria muito difícil aplicar estes aprendizados, pois na casa dela não existe criada e ela é que faz o prato no fogão e o lava depois de comer. Etiqueta não é para qualquer um.

Leontino

Primo de Helena.

Seu Leivas

Professor pobre que, segundo Helena, ficava bocado sempre ao final das festas.

Reginalda

Negra contadeira de histórias. Numa noite de contação, ela começou a contar histórias, e os ouvintes ouvintes pediram mais. Num dado momento esgotou seu estoque de casos, e ela teve que apelar para a inventividade.

Irmãos Correias

As duas decepcionaram Helena quando enforcaram um gato que havia furtado carne. Helena, em geral, demonstra ter bons sentimentos e ser uma pessoa boa, porém se decepciona quando suas expectativas são frustradas quanto às atitudes de outrem.

Isabelinha

Professora de flores que fazia de tudo para os alunos não aprenderem e, logo, não fazerem concorrência a mesma. Esta, é também um tipo de atitude que decepcionava Helena.

Chininha

Chininha é prima de Helena e revela um comportamento hipócrita, pois se pinta de comportada e “santinha”, mas na prática só fazia isso para ser elogiada pelos adultos.

Quitinha

Sósia da irmã de Helena, Luisinha.

Dona Mariquinha

Mãe de Quitinha.

Temas e principais conflitos

“Mais pujante exemplo de tão literal reconstrução da infância”.

Guimarães Rosa

Amor

O diário revela o olhar da menina sobre os preconceitos, como por exemplo o escândalo que a paixão de seus pais causava entre as tias, uma vez que estas, imersas em uma sociedade autoritária e patriarcal, não puderam escolher seus maridos.

Família



Embora a família de Helena pareça feliz, todos sofrem na visão da narradora – com a falta de sorte ou com a incompetência nos negócios. A menina cita como exemplo a carreira de minerador do pai, na qual ele perdera uma sociedade com o cunhado por interferên-

cia da mulher. Com exceção da lavra de diamantes que gerou algum retorno, todos os negócios que a família inicia acabam por fracassar.

Avareza

A narradora tece comentários sobre a mesquinha e avareza de alguns de seus parentes ricos, que desdenhavam da teimosia de seu pai em procurar diamantes nas lavras quase esgotadas.

Trabalho

O trabalho é um fator importante na vida da menina e de toda sua família. Ninguém se queixa do trabalho e Helena e seus irmãos preferem trabalhar a estudar. No que tange à Escola, esta é vista inicialmente como uma possibilidade de ganhar dinheiro e de tirar o pai da condição de lavrador. Helena queria, depois de se formar no curso Normal: “dar escola”, para ganhar dinheiro e melhorar a condição da família. Porém, no desfecho da história, ela conclui que é melhor ficar pobre do que ter que dar aula. Sua opinião muda quando Helena, aos 15 anos, tem a possibilidade de, por poucos dias, assumir as aulas de sua tia Magda. Por conta de sua inabilidade com a classe, Helena desiste da profissão.

Em relação ao dinheiro, Helena não é uma aficionada, apesar de não ser alheia, repete o bordão: “dinheiro não traz felicidade.”

Brasilidade

Helena se surpreendia com o lado brasileiro da família aceitar como normal que os escravos livres continuassem agregados à casa de sua avó.

Tipos sociais

A narradora escreve comentários sagazes e inteligentes sobre os tipos sociais que a cercavam, como é o caso das amigas, dos vizinhos, do padre e dos professores etc.

Cientificismo x Superstição

Para Helena, o mundo possui mecanismos pragmáticos e eles devem ser explicados para que tenham

mínimo valor. Um exemplo disso, conecta-se a cultura local mineira de Diamantina no que tange às superstições.

Era muito comum ouvir as crendices populares como:

- Pentear cabelo de noite manda a mãe para o inferno;
- Treze pessoas na mesa e espelho quebrado dão azar;
- Varrer a casa de noite faz a vida desandar.

Helena não acreditava nessas coisas, revelando uma personalidade racional diante das superstições, o que é interessante, pois é nessa época que, nas grandes cidades, predominava o cientificismo (aquilo que se prova). Por outro lado, quando algo podia ser provado e tinha lógica, Helena acreditava.

Sua lógica questionadora também funciona para as proibições da mãe em relação aos ditos indicativos médicos, como é o caso de não poder entrar na água depois do almoço, porque faz mal. Para ela, esse tal “mal” é algo misterioso, pois compara com o mal que não se dá, por exemplo, com os mineiros, que ficam dentro d’água o dia inteiro procurando diamantes. Não aceita, inclusive, a resposta de que eles estão acostumados, pois os pais poderiam deixar os jovens se acostumarem também. Ela conclui que não há lógica, e que os adultos são apenas repetidores.

Deus e a Religião

A religião é algo muito interessante na história, sobretudo numa sociedade provinciana e católica fervorosa como em Diamantina do final do século XIX. Helena entendia a religião como algo bom e importante para a vida.

A narradora cria uma lógica interessante. Ela, diz que rezar pode não dar prazer, mas caso não reze, poderá ter dor de consciência e isso serve para a relação com Deus. Helena gostava das festas religiosas, procissões e via grande beleza na festa do divino na Igreja do Rosário. Se, de um lado, via essa beleza, de outro, observava a estranheza de um Deus que, segundo a lógica humana, mandava um raio nos homens que o maldiziam ou que o demônio desceria para “carregar” um estudante que não se confessasse.

Outro exemplo marcante do pragmatismo de Helena é o caso do menino que ficou cego por conta do descuido do pai. Sua mãe, ao consolá-la sobre o caso, diz que Deus sabe o que faz, de repente Ele queria fazer desse menino um santo para sua glória. Porém, Helena,

mesmo sentindo-se confortada com as palavras da mãe, não entende porque Deus iria querer um santo cego.

As furtivas lógicas de Helena são, no mínimo, muito inteligentes e bem-humoradas. Na oportunidade em que roubou da gaveta da mãe um broche para vender e mandar fazer um vestido, Helena questiona-se sobre a ideia de culpa, porém racionaliza a ação perante o ditame religioso e conclui que o ato não configura furto, pois a ideia foi uma sugestão oriunda de Nossa Senhora.

“Uma vez uma porção de meninas fizeram a primeira comunhão como vocês vão fazer hoje. Receberam a sua hóstia e foram contritas para os seus lugares; nesse momento uma delas caiu para trás e morreu. O padre disse à mãe da menina: ‘Foi Deus que a levou para a sua glória!’. Todas as outras invejavam a companheira na graça de Deus. Nisto, o que foi que elas viram? O capeta arrastando por detrás do altar o corpo da desgraçadinha. Sabem por quê? Porque a menina escondeu um pecado no confessionário.”

Hipocrisia social

Quando estava na casa de sua avó, Helena prefere se divertir na cozinha junto com os negros e negras a ficar na sala da sociedade branca. Foi julgada por dançar em um baile no dia da morte de sua tia. Segundo ela, dançar não mudaria a ordem das coisas e a alegria seria melhor do que a tristeza.

Feminino e a Sexualidade

Não há na obra muitas menções a sexualidade, o que é um fator curioso, uma vez que Helena está em plena puberdade. Algumas referências aparecem neste sentido, uma breve referência a sua condição feminina quando reflete que a mulher leva algumas vantagens práticas em detrimento ao homem. Ela observava que os irmãos precisavam levar os animais para o pasto independente das intempéries do tempo e ela podia ficar descansando em sua cama. Em relação a ter um namorado ou marido era taxativa: só a possibilidade de desenvolver algum tipo de relacionamento era logo rechaçada e que o amor era algo divino, que acontecia quando Deus queria.

Morte e doença

Helena convive com esses dois fatores e não os considera tão trágicos como todas as outras pessoas.

Um exemplo é quando se depara com o caso da mãe que perdeu o filho e, mesmo depois do luto e da conformação, continuava chorando nos ambientes sociais, pois achava “feio” uma mãe não chorar pelo filho.

Imaginário

Helena muitas vezes faz reflexões e analogias de seu pensamento com a realidade que parecia inverossímil, mas que trazia uma lógica interessante da narradora sobre os fatos que a circundavam. Como é o caso do ladrão que nunca era preso porque se transformava em uma cadeira, vassoura, mato ou cupim. Para se divertir, ela inventa, na escrita do diário, histórias criadas pela sua fértil imaginação, bem como como seus personagens maravilhosos e lugares magníficos.

“(...) se se prender o cupim na cadeia, o ladrão não estará lá ao reverter à forma humana?”

CRÍTICA E MÍDIA

Acompanhe a entrevista de um dos críticos mais importantes de Machado de Assis, Roberto Schwarz. A publicação deste especial para a Folha de SP é de São Paulo, domingo, 1 de junho de 1997, mas continua muito atual, sobretudo pela escolha deste livro para a lista da Fuvest 2018 e pela grande importância da crítica literária de Schwarz.

Dialética envenenada

Duas meninas na periferia do capitalismo

“Duas Meninas”, livro de ensaios do crítico

Roberto Schwarz, chega às livrarias no dia 12

Fernando de Barros e Silva especial para a Folha

Um livro ideal para moças bem-comportadas, um presente para cativar estrangeiros, uma obra pitoresca, uma crônica ingênua, leve e encantadora – nada além disso. *Minha vida de menina* era até hoje apenas o diário de uma menina mineira de ascendência inglesa, natural de Diamantina, nascida na segunda metade do século passado, que resolveu reunir seus apontamentos adolescentes, feitos entre 1893 e 1894, já quando estava velha, na década de 40. A primeira edição da obra é de 1942.

O relativo desconhecimento do livrinho, a despeito de seu sucesso no exterior, explica-se pelo fato de que sempre foi considerado uma coisa sem importância, um devaneio de uma rapariga que, embora muito esperanta e espreitada, nunca poderia pertencer à galeria de autores que formam o esqueleto da literatura brasileira. Dentro de duas semanas, essa imagem cristalizada em torno de *Minha vida de menina* vai pelos ares.

Roberto Schwarz, 58, sem publicar desde 1990, quando encerrou (mas nem tanto, como se verá) seu ciclo sobre Machado de Assis lançando “Um Mestre na Periferia do Capitalismo”, publica pela Companhia das Letras um livrinho curto, contendo nada mais que dois ensaios, reunidos sob o singelo título “Duas Meninas”.

Uma delas, a segunda, é a própria Helena Morley; a primeira é Capitu, a personagem-moça de “Dom Casmurro”, a obra máxima da maturidade de Machado de Assis. O primeiro ensaio chama-se “A Poesia Envenenada de Dom Casmurro”; o segundo, “Outra Capitu” - e aqui já começamos a entrar no “x” da questão [...].

Por trás dos apontamentos soltos, da prosa dispersa e “sem intenção de arte” de Helena Morley, Schwarz descobre nada menos do que uma outra Capitu, “vivilha da Silva”, uma moça de verdade igual à personagem de Machado.

A despeito da distância entre as obras, elas tornam tangível, para falar como o crítico, o que se poderia chamar de matéria brasileira: “Um conjunto de relações altamente problemático, originário da Colônia, solidamente engrenado, incompatível com o padrão da nação moderna, ao mesmo tempo um resultado consistente da evolução do mundo moderno”.

Na entrevista exclusiva que concedeu ao **Mais!**, Schwarz não entrega o ouro de bandeja, mas deixa subtendido que a primeira consequência disso (há outras,

mais invisíveis e venenosas) é que *Minha Vida de Menina* passa a fazer parte do sistema literário brasileiro, ou seja, passa a integrar a formação da literatura brasileira, tal como foi descrita no esquema formulado por Antonio Candido, que não por acaso é seu maior mestre.

Não se trata, veja bem, de uma questão de gosto avulso, de incorporação deste ou daquele autor obscuro ou da expulsão de algum outro escritor consagrado do panteão nacional. A tarefa a que se dedica Schwarz, para falar em jargão, é de incorporar à crítica os dinamismos específicos da experiência brasileira formalmente estruturados na obra.

Em relação a Machado de Assis, os resultados disso são conhecidos há tempos. Desde "A Lata de Lixo da História", peça teatral que parodiava "O Alienista", passando pelas "Idéias Fora do Lugar" e "Ao Vencedor as Batatas", até culminar, com "Um Mestre na Periferia do Capitalismo", na revelação pomenorizada da monstruosidade embutida na conduta de Brás Cubas, tido sempre como um filho-família exemplar da nossa elite paternalista.

Agora, com Helena Morley, Schwarz dá um passo adiante. Para ir logo ao ponto, mesmo correndo o risco de um certo brutalismo, próprio dos jornalistas, o crítico fala do final do século 19 como quem pretende iluminar o final do século 20. A promessa de emancipação de Capitu e Helena Morley que a história brasileira tratou de frustrar, como mostra o crítico, ganha muito se for vista à luz dos dias que correm. Não é à toa que o livro encerra indicando, quase como um ponto de fuga, a continuidade do paternalismo no modernismo brasileiro.

E aqui chegamos à essência do veneno schwarziano. Quando lançou "Um Mestre na Periferia do Capitalismo", em 90, iniciava-se a era Collor, o período recente de maior "crapulização" da classe dominante brasileira. Foi uma coincidência, obviamente, mas basta abrir o livro, por exemplo, no capítulo sobre "A Deseducação de Brás", para ver lá, palpitando nos seus anos de (de)formação, a imagem espectral da delinquência do jovem Collor barbarizando pelas ruas de Brasília.

Agora, em plena era FHC, é difícil acreditar que Schwarz tenha consumido três anos inteiros debruçado sobre Helena Morley sem ter um olho bem plantado sobre o presente. Como Machado de Assis, Schwarz despista seus contemporâneos. É como se estivesse enviando uma

mensagem cifrada aos progressistas bem-intencionados de hoje: estamos no limiar de um novo ciclo de modernização conservadora que irá aprofundar os traços do atraso, repondo-os modernamente. Esse é o segredo que Schwarz descobriu nas anotações da menina de Diamantina.

Nada disso está explicitado – e não poderia ser diferente – na entrevista que segue, na qual Schwarz passa a limpo momentos da sua trajetória intelectual.

Talvez num único momento o crítico tenha deixado escapar o alcance impressionante da sua nova cria. Falava não do livro, mas de FHC, elogiando a urbanidade e a clareza com a qual o presidente é capaz de se explicar na televisão, revelando virtualidades inesperadas na profissão de professor. Mas, aí, acrescentou: "É claro que volta e meia o Brasil entra pela janela e transforma em chanchada a aula que ia tão bem". A chanchada que invade a sala do professor nem sempre se chama Íris Rezende. Às vezes podem ser apenas duas meninas, Helena e Capitu.

Folha – O sr. quer explicar o título do livro? Por que "Duas Meninas"? Há ironia na inocência?

Schwarz - Gostaria de ouvir a sua explicação.

Folha – A sua leitura de "Dom Casmurro" é venenosa, e quem preparou o veneno, segundo o sr., foi a história do Brasil. No livro de Helena Morley a atmosfera é mais desanuviada, mas as dificuldades que a mocinha supera decorrem dos mesmos aspectos do Brasil que derrotaram Capitu.

Schwarz – É isso mesmo. A simpatia incrível de Capitu e Helena vem das dificuldades que elas souberam contornar. A envergadura das meninas é proporcional ao alcance das questões que elas enfrentam. Para falar do encanto delas é preciso entrar em matérias sociais que são o contrário de encantadoras.

Folha – O sr. quer comentar a idéia do livro? Ele tem unidade?

Schwarz – Também preferia ouvir o que você achou.

Folha – Algum tempo atrás o sr. contou que as "Duas Meninas" seriam a primeira parte de um livro de crítica em que haveria de tudo, desde orelhas de livro e resenhas até discussões de teoria crítica e argumentos políticos, até um conto sobre a privatização de uma pinguela, com prós e contras. O sr. desistiu da mistura? O título não ia ser "Sempre a Mesma Coisa"?

Schwarz – Desde que haja alguma coisa em comum aos trabalhos, sou a favor desse tipo de mistura, que a especialização acadêmica e o purismo das teorias literárias foram pondo de lado. A crítica que se fechou na literatura e se desinteressou do resto não saiu melhor ou mais científica, nem, aliás, mais artística.

Folha – Mas, então, por que o sr. preferiu um livro com delimitação de assunto? Ele não ficou menos misturado e mais exclusivamente literário?

Schwarz – Os amigos me convenceram de que assim haveria mais foco e que uma eventual discussão sairia ganhando.

O estudo sobre "Dom Casmurro" aponta as forças históricas escondidas na equação formal do romance. Esta, além de detetivesca, é sofisticada ao máximo. O estudo de *Minha Vida de Menina* faz o percurso inverso. Me impregnei o quanto pude dos apontamentos de Helena Morley, que são extraordinários, sem serem propriamente artísticos, e procurei pressentir as suas implicações formais. A sua organização latente retesa um tecido de uma consistência e complexidade de que poucos romances brasileiros podem se gabar.

Forçando um pouco a simetria, de um lado, o estudo social de uma forma; de outro, a apreciação formal de anotações do dia-a-dia em Diamantina, tomadas, como diz Alexandre Eulálio, "sem intenção de arte". Salvo engano, o universo comum que dois livros tão diferentes permitem armar sugere especulações interessantes em vários planos, escapando às banalidades escolares sobre a existência ou inexistência de relações entre literatura e sociedade. Conforme explicava um professor meu, há uma certa reversibilidade própria aos estudos literários, que permite chegar a uma visão aprofundada da realidade a partir da forma, e vice-versa. Seja como for, você vê que o meu livro continua alinhado no campo da mistura.

Folha – Mas o que o sr. entende por mistura? O sr. quer dizer que a turma da pureza, da arte separada, quer discutir questões de forma e de linguagem sem entrar noutras dimensões? Qual o inconveniente?

Schwarz – Nenhum, salvo que, sem estas dimensões ditas "externas", o debate artístico se esteriliza logo. Toda forma é forma de alguma coisa, e na ausência desta relação o essencial vai embora. Observe a mudança atmosférica em volta da revolução formal. No período explosivo, das vanguardas, esta sugeria modos de vida mais complexos e universais, que, de um modo ou outro, estariam para além das pautas burguesas.

Hoje, a pesquisa e o cálculo dos funcionamentos da forma, seja qual for, viraram a rotina da publicidade, sem oposição ao objetivo mercantil. Os próprios efeitos de distanciamento e desautomatização, a marca registrada da linguagem moderna, que ambicionavam sacudir o público e despertá-lo de seu sono histórico, agora servem para aliciar o consumidor ou para impedir que ele troque de canal de TV. Assim, se é que é verdade que nalgum momento a desautomatização, por si só, chegou a significar liberdade ou qualidade, isso já não é o caso.

Folha – Mas o que isso tem a ver com "Dom Casmurro" e Morley?

Schwarz – Como é óbvio, *Minha vida de menina* não tem nada de vanguardista. Mas o livro, que, ao contrário de quase tudo, não está velho, fala à simpatia e à insatisfação modernas. Há muitas razões para isso, algumas próximas do kitsch. Mas há outras que são boas. O leitor, desde que se convença da organização muito rica e mais ou menos involuntária presente nas anotações da menina, sente-se chamado a uma atitude de etnólogo amador, atento a todas as conexões possíveis, sem preconceitos, que é um análogo do estado de espírito aberto e alerta que a arte moderna desejou suscitar. Será que me engano imaginando que o nosso interesse é tonificado pelo caráter real dos apontamentos e de sua forma tácita, que não é teleguiada pelo mercado? E se o nexo de realidade for um ingrediente estético peculiar?

Dizendo de outro modo, o motivo atual de simpatia pode estar na forma com vigência ordenadora forte, capaz de grandes revelações, sem que, no entanto, responda a um desígnio de ficção ou de artista. A pesquisa artística dos segredos da forma, da linguagem e da ficção

foi levada ao impasse pela sua colonização mercantil, à qual os seus achados aproveitam. É claro que não são os apontamentos de Helena Morley que vão mostrar a saída. Mas a textura relacional tangivelmente infinita dos apontamentos, desprovida de propósitos, mas dotada de âncora real, além de favorável à inteligência e ao espírito crítico, marca uma posição estética (que seria ridículo imitar). Como, no fundo, já não acreditamos em intenções individuais que prestem, uma forma em que estas fiquem em suspenso passa a ter apelo. Como gosta de dizer Helena à mãe dela, "pense e responda".

(Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs010604.htm> em 19/04/2017)

Uma inglesinha pobre nos trópicos

Enio Vieira – Revista Bula (02/02/2009)

Um dos casos mais conhecidos de escrita a partir do ponto de vista dos mais pobres no Brasil foi um livro lançado em 1942, com o título de *Minha vida de menina*. Uma senhora de 62 anos da então alta sociedade carioca, Alice Dayrell Caldeira Brant publicou os seus diários, sob o pseudônimo de Helena Morley, com as histórias de sua passagem da infância para adolescência em Diamantina, norte de Minas Gerais



Cena do filme *Minha Vida de Menina*

Dizem hoje que a literatura e o cinema brasileiros tratam em demasia de pobres nas favelas e no sertão nordestino. Pouco haveria do universo da classe média na ficção contemporânea produzida no Brasil, de acordo com esse pensamento francamente conservador. Só não acrescentam, todavia, que são pobres representados e inventados por artistas de classe média, pois muito raramente abre-se espaço no campo cultural para autores oriundos das classes baixas. Esse vazio é por vezes ocupado por escritores como Ferréz e Paulo Lins – os modelos recentes para quem cria e vive nas periferias das grandes cidades brasileiras.

Um dos casos mais conhecidos de escrita a partir do ponto de vista dos mais pobres no Brasil foi um livro lançado em 1942, com o título de *Minha vida de menina*. Uma senhora de 62 anos da então alta sociedade carioca, Alice Dayrell Caldeira Brant publicou os seus diários, sob o pseudônimo de Helena Morley, com as histórias de sua passagem da infância para adolescência em Diamantina, norte de Minas Gerais. Filha de um inglês explorador de diamantes, ela observa a vida a seu redor na pequena cidade mineira que está em franca decadência pelo esgotamento das jazidas.

A própria história de publicação dos diários daria um romance ou um filme em si. Os escritos de Alice foram organizados pelo marido Mario Augusto Caldeira Brant, alto funcionário no governo Getúlio Vargas e escritor elogiado por Carlos Drummond de Andrade. Como os originais nunca apareceram e podem ter sido até queimados, as lendas correram soltas. Entre os suspeitos de terem mais do que editado o material, estavam Augusto Meyer e Cyro dos Anjos, este o autor da obra-prima na forma de diário ficcional "O Amanuense Belmiro".

Em conversa com o crítico Alexandre Eulálio, Guimarães Rosa foi enfático a respeito da controvérsia: se houve de fato a reescrita por um adulto, "estaríamos diante de um 'caso' ainda mais extraordinário, pois, que soubesse, não existia em nenhuma outra literatura mais pujante exemplo de tão literal reconstrução da infância".

O livro *Minha Vida de Menina* chamou a atenção da poetisa norte-americana Elizabeth Bishop, que vivia no Brasil e traduziu a obra para o inglês. "Algumas páginas me evocavam outras, mais 'literárias': Nausícaa lavando suas roupas na praia, talvez com a ajuda suas escravas libertas; trechos de Chaucer; as crianças e campônios poéticos de Wordsworth, ou os pedintes errantes de Dorothy Wordsworth. Desde vez em quando, referências à escravidão me pareciam uma versão jamais escrita – brasileira e feminina – da história de Tom Sawyer e o negro Jim", anotou Bishop, num belo ensaio em que lembra a visita a Alice Brant e a ida a Diamantina nos anos 1950.

Outro admirador das histórias de Helena Morley foi o pensador francês George Bernanos, que morou no Brasil nos 1940. Nos últimos dez anos, renovou-se o o interesse pelo livro com estudos de alto nível, como o de Roberto Schwarz (no livro "Duas Meninas", de 1997), e a segunda versão para o cinema em "Vida de Menina" (2004), dirigida por Helena Solberg. A primeira filma-

gem havia sido de David Neves em 1969, com o título de “Memória de Helena”.

A ousadia maior coube, sem dúvida, a Roberto Schwarz, que comparou as histórias de Helena Morley à Capitu de Machado de Assis. Em meio ao espectro do escravismo e de homens cheios de caprichos, diz Schwarz, as duas meninas surpreendem pelo iluminismo, a clarividência de capturar a história daqueles tempos. “Sem favor, *Minha Vida de Menina* é um dos bons livros da literatura brasileira, e não há quase nada à sua altura em nosso século XIX, se deixarmos de lado Machado de Assis”, diz o autor de “Um Mestre na Periferia do Capitalismo”.

(Fonte: <http://acervo.revistabula.com/posts/livros/uma-inglesinha-pobre-nos-tropicicos> em 20/04/17)

No CINEMA

Em 2004, o diário de Helena Morley ganhou uma adaptação cinematográfica. Dirigido por Helena Solberg, com trilha sonora de Wagner Tiso, com Ludmila Dayer, como a protagonista, e Daniela Escobar, Dalton Vigh, entre outros.



Pouco após a abolição da escravatura e a proclamação da república no Brasil, Helena Morley (Ludmila Dayer) começa a escrever seu diário, que revela seu universo e um país adolescente como a menina. Nesse momento da vida Helena é magra, desengonçada e sardenta, além de se achar feia. Não é boa aluna nem comportada como sua irmã Luizinha, tendo o apelido de "Tempestade". Mas Helena, como nenhuma outra garota de Diamantina, escreve. É neste diário que Helena debocha e desmascara as pretensas virtudes alheias. Procurando com sofreguidão não perder uma infantil alegria de viver, e reinventando o mundo à sua maneira, Helena Morley é o diamante mais raro de Diamantina.

(Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-14572/> em 201/04/17.)

APROFUNDE SEUS CONHECIMENTOS

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES

Voltada para o encanto da vida livre do pequeno núcleo aberto para o campo, a jovem Helena, familiar a todas as classes sociais daquele âmbito, estava colocada num invejável ponto de observação. (...)

Sem querer forçar um conflito que, ¹a bem dizer, apenas se esboça, podemos atribuir parte desta grande versatilidade psicológica da protagonista aos ²ecos de uma formação britânica, protestante, liberal, ressoando ³num ambiente de corte ibérico e católico, mal saído do regime de trabalho escravo. Colorindo a apaixonada esfera de independência da juventude, reveste-se de acentuado sabor sociológico este caso da menina ruiva que, embora inteiramente identificada com o meio de gente morena que é o seu, o único que conhece e ama, não vacila em o criticar com ⁴precisão e finura notáveis, se essa lucidez não traduzisse a coexistência íntima de dois mundos culturais divergentes, que se contemplan e se julgam no interior de um eu tornado harmonioso pelo ⁵equilíbrio mesmo de suas contradições.

Alexandre Eulálio, "Livro que nasceu clássico".
In: Helena Morley, *Minha vida de menina*.

1. (Fuvest 2018) O trecho do romance *Minha vida de menina* que ilustra de modo mais preciso o que, para o crítico Alexandre Eulálio, representa "a coexistência íntima de dois mundos culturais divergentes" é:
 - a) "Se há uma coisa que me faz muita tristeza é gostar muito de uma pessoa, pensando que ela é boa e depois ver que é ruim".
 - b) "Eu tinha muita inveja de ver meus irmãos montarem no cavalo em pelo, mas agora estou curada e não montarei nunca mais na minha vida".
 - c) "Já refleti muito desde ontem e vi que o único meio de ter vestido é vendendo o broche. Vou dormir ainda esta noite com isto na cabeça e vou conversar com Nossa Senhora tudo direitinho".
 - d) "Se eu não ouvir missa no domingo, como quando estou na Boa Vista onde não há igreja e não posso ouvir no Bom Sucesso, fico o dia todo com um prego na consciência me aferroando".
 - e) "Este ano saiu à rua a procissão de Cinzas que há muitos anos não havia. Dizem que não saía há muito tempo por falta de santos, porque muitos já estavam quebrados".

2. (Fuvest 2018) De acordo com Alexandre Eulálio, a protagonista do romance *Minha vida de menina*

- a) vivencia um conflito – uma ideia fortalecida por "a bem dizer" (ref. 1).
- b) apresenta certo vínculo com o protestantismo – uma ideia sintetizada por "ecos de uma formação britânica" (ref. 2).
- c) formou-se num meio alheio ao trabalho escravo – um fato referido por "num ambiente de corte ibérico e católico" (ref. 3).
- d) rejeita as influências do meio em que vive – uma característica revelada por "precisão e finura notáveis" (ref. 4).
- e) tem a sua lucidez psicológica abalada pelas ambivalências de sua educação – um traço reiterado por "equilíbrio mesmo de suas contradições" (ref. 5).

3. (Enem PPL) Chegou de Montes Claros uma irmã da nora de tia Clarinha e foi visitar tia Agostinha no Jogo da Bola. Ela é bonita, simpática e veste-se muito bem. [...] Ficaram todas as tias admiradas da beleza da moça e de seus modos políticos de conversar. Falava explicado e tudo muito correto. Dizia "você" em vez de "ocê". Palavra que eu nunca tinha visto ninguém falar tão bem; tudo como se escreve sem engolir um s nem um r. Tia Agostinha mandou vir uma bandeja de uvas e lhe perguntou se ela gostava de uvas. Ela respondeu: "Aprecio sobremaneira um cacho de uvas, Dona Agostinha." Estas palavras nos fizeram ficar de queixo caído. Depois ela foi passear com outras e laiá aproveitou para lhe fazer elogios e comparar conosco. Ela dizia: Vocês não tiveram inveja de ver uma moça [...] falar tão bonito como ela? Vocês devem aproveitar a companhia dela para aprenderem". [...] Na hora do jantar eu e as primas começamos a dizer, para enfezar laiá: "Aprecio sobremaneira as batatas fritas", "Aprecio sobremaneira uma coxa de galinha".

MORLEY, H. *Minha vida de menina*: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

Nesse texto, no que diz respeito ao vocabulário empregado pela moça de Montes Claros, a narradora expõe uma visão indicativa de

- a) descaso, uma vez que desaprova o uso formal da língua empregado pela moça.
- b) ironia, uma vez que incorpora o vocabulário formal da moça na situação familiar.
- c) admiração, pelo fato de deleitar-se com o vocabulário empregado pela moça.
- d) antipatia, pelo fato de cobiçar os elogios de laiá sobre a moça.
- e) indignação, uma vez que contesta as atitudes da moça.

4. (Ufmg) Todas as alternativas apresentam aspectos comuns a *Minha vida de menina* e a *Memórias póstumas de Brás Cubas*, EXCETO
- A existência de narradores pessimistas quanto ao destino dos personagens.
 - A ocorrência de antagonismos de classe no meio social dos narradores.
 - A opção por gêneros literários em que o registro do tempo é um fator decisivo.
 - O uso de uma escrita fragmentada na constituição das narrativas.
5. O espaço onde uma história se passa é preponderante para entender os processos miméticos que incidem sobre os personagens. Sobre a obra "*Minha vida de menina*" de Helena Morley, escolha a alternativa que contemple a cidade onde se transcorre o enredo.
- Vila Rica
 - Tiradentes
 - Ouro Preto
 - Diamantina
 - Mariana
6. A obra "*Minha vida de menina*" de Helena Morley carrega uma interessante relação de pseudônimos. Qual a alternativa que melhor designa a relação entre a autora e seus escritos.
- A autora opta por um pseudônimo, pois a época de sua produção sua família estava sendo perseguida politicamente por ter fugido da Inglaterra no final do século XIX.
 - A opção da escritora Alice Dayrell Caldeira Brant escolher o pseudônimo de Helena Morley está ligada a ideia de não revelar o drama da descoberta da sexualidade numa sociedade machista, patriarcal e provinciana que ela estava inserida.
 - A poesia de sua infância tinha caráter árcaico, por ser escrito em meio à lavra de diamantes, o que esteticamente dialoga com escritores conterrâneos que utilizaram pseudônimos, como é o caso de Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa.
 - "*Minha Vida de menina*" revela uma possível realidade que se dá na passagem da infância para a juventude da escritora Alice Dayrell Caldeira Brant no contexto do final da exploração de diamantes em Minas Gerais.
7. Determine qual alternativa que se refere corretamente a época em que se passa a história *Minha vida de menina* de Helena Morley.
- A história se passa exatamente no ínterim de sua publicação, no ano de 1942.
 - A narrativa da menina refere-se à época da invasão holandesa no Brasil.
 - Pouco após a abolição da escravatura e a proclamação da república no Brasil
 - Helena vive os dilemas de viver em uma família escondida durante a ditadura militar no país.
 - O início do século XX marca a chegada dos imigrantes italianos no interior de São Paulo.
8. Leia o trecho a seguir e faça o que se pede: "Dizendo de outro modo, o motivo atual de simpatia pode estar na forma com vigência ordenadora forte, capaz de grandes revelações, sem que, no entanto, responda a um desígnio de ficção ou de artista. A pesquisa artística dos segredos da forma, da linguagem e da ficção foi levada ao impasse pela sua colonização mercantil, à qual os seus achados aproveitam."
- (Roberto Schwarz – Entrevista à Folha de SP sobre a publicação de "*Duas meninas*"- 1997)
- Determine quais as características de linguagem estão presentes na obra "*Minha Vida de Menina*" de Helena Morley.
- Utiliza-se de vocábulos raros, típico de uma colonização estrangeira.
 - A prosa coloquial e próxima do cotidiano concreto da autora possui o tom da franqueza, ligado às coisas práticas
 - A poesia faz parte das reflexões de Helena, portanto não é difícil encontrar ritmo na chamada prosa poética.
 - O uso de estrangeirismo, arcaísmos mesclados com a fala caipira e gírias típicas uma adolescente que reflete sobre a vida provinciana de Diamantina.
9. Todas as seguintes afirmativas relacionadas a *Minha vida de menina*, de Helena Morley, estão corretas, EXCETO
- Constitui um texto marcado por uma postura juvenil, crítica e irônica.
 - Foi escrito sem propósito de publicação, num estilo despojado e franco.
 - Organiza-se como um documento de fatos ligados à libertação dos escravos em Minas.
 - Trata-se de um diário que menciona acontecimentos político-sociais da época.

GABARITO

1. C 2. B 3. B 4. A 5. D
6. D 7. C 8. B 9. C